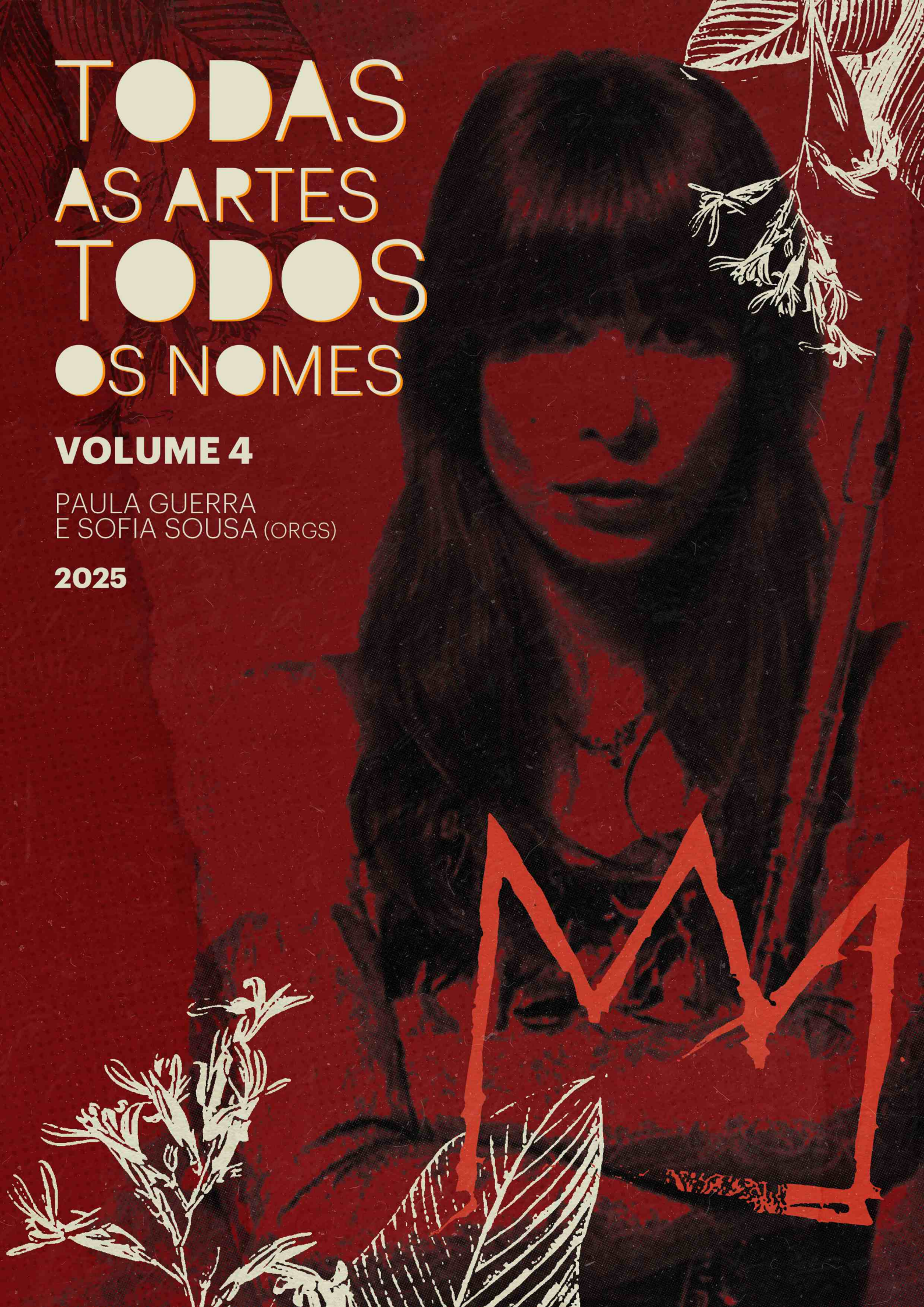




TODAS AS ARTES TODOS OS NOMES

VOLUME 4

PAULA GUERRA
E SOFIA SOUSA (ORGS)

2025



~~Todas as Artes
são os Nomes~~

CAPÍTULO 21



ECOSOFIA COM CORPOS: BREVE ENQUADRAMENTO PARA UMA EDUCAÇÃO E INVESTIGAÇÃO ARTÍSTICA NUM AMBIENTE DO IT TOGETHER PARA UMA ECOLOGIA DAS IMAGENS.

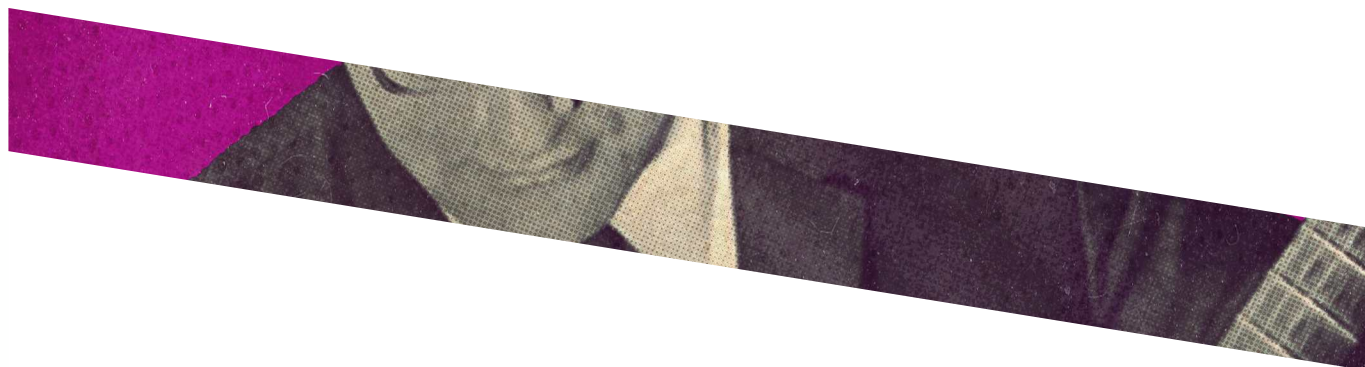
ECOSOPHY WITH BODIES: BRIEF FRAMEWORK FOR ARTISTIC EDUCATION AND RESEARCH IN AN IT TOGETHER ENVIRONMENT FOR AN ECOLOGY OF IMAGES.

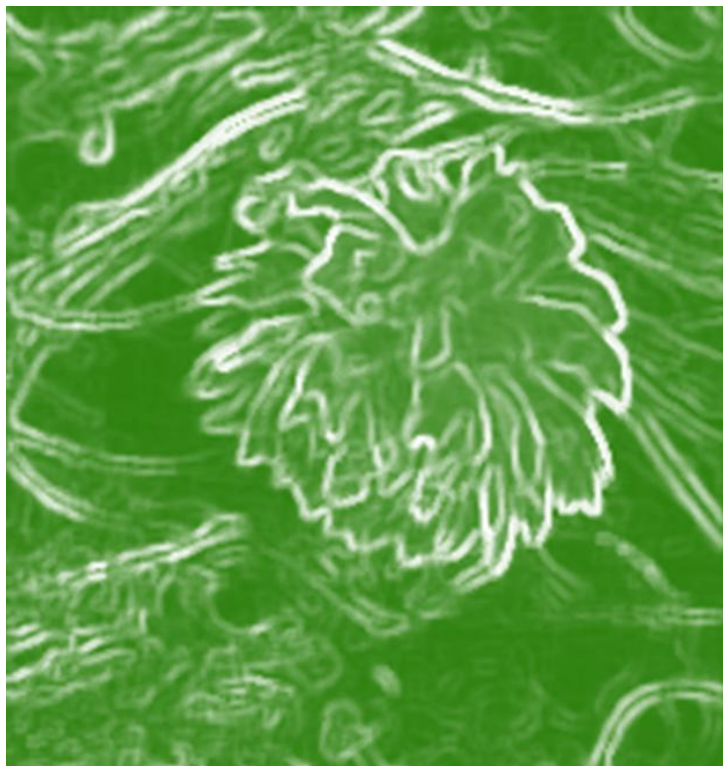
Tiago Assis, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/IS-UP, Portugal

Resumo

Neste texto, parto de três livros que me permitiram re-enquadrar o meu trabalho na educação e investigação artística no campo da ecologia das imagens. A partir das *Três Ecologias* de Felix Guattari, *O Artífice* de Richard Sennett e, *O Cogumelo no Fim do Mundo* de Anna Tsing, proponho uma abordagem ecosófica mais ligada ao corpo e ao mundo, na procura de novas *assembleias* e formas-de-vida para um *Do It Together* (DIT). Subjectividade humana, o ambiente e a sociedade estão interligados, no entanto, esta ideia já sofre de um viés ocidental de uma mente separada do corpo. Esta e outras separações têm vindo a perpetuar a grande cisão entre pessoas e natureza, entre pessoas e pessoas. Uma ecosofia com corpos procura uma interseccionalidade que resiste a uma produção de saber discriminatório e procura uma justiça social e ambiental.

Palavras-chave: plataforma de arquivo, imagem sustentável, ecologia dos media, educação artística.





Abstract

In this paper, I start with three books that have allowed me to reframe work in education and artistic research in the field of the ecology of images. Based on Felix Guattari's *Three Ecologies*, Richard Sennett's *The Artificer*, and Anna Tsing's *The Mushroom at the End of the World*, I propose an ecosophical approach that is more connected to the body and the world in search of new assemblages and forms of life for a *Do It Together* (DIT). Human subjectivity, environment, and society are interconnected, yet this idea already suffers from a Western bias of a mind separated from the body. This separation and other separations have perpetuated the great separation between people and people, between people and nature. An ecosophy with bodies seeks an intersectionality that resists discriminatory knowledge production and seeks social and environmental justice.

Keywords: archive platform, sustainable image, media ecology, artistic education.

1. Introdução

A produção de imagens com recurso a meios digitais pouco reflecte sobre os problemas ambientais que provoca. Autênticas caixas negras digitais escondem infra-estruturas insustentáveis que prejudicam o ambiente. Apesar de depender da produção de imagens, a educação artística deve reconhecer as suas responsabilidades relativamente a questões climáticas urgentes e os papéis históricos que desempenhou no passado. A fotografia está historicamente ligada a sistemas extractivistas e a processos prejudiciais para o ambiente.

Diante de uma emergência ambiental, torna-se necessário historicizar a tecnologia para entender como sistemas extrativistas e prejudiciais ao meio ambiente se perpetuam no presente. O que se faz no campo das imagens já não pode ser desligado dos sistemas sócio-económicos de que a história da fotografia faz parte. As imagens não podem ser desligadas do plano das representações que esse mesmo sistema produziu através de um contrato social hierárquico e excludente (Azoulay, 2012). De modo a investigar esta produção de imagens e a relação com o ambiente e o social, parti de uma abordagem arquivista e cartográfica com um enquadramento decolonial na ecosofia (Guattari, 2000). Procuro uma dimensão prática dum fazer imagens enquadrado num ambiente *Do It Together* (DIT). Contudo, leituras recentes colocaram-me problemas ao meu percurso, o que me fez questionar os vieses referenciais ocidentais e as minhas posições adotadas.

No início da minha investigação sobre processos de exclusão pela tecnologia, eu estava fascinado por ideias, como o McLuhanismo (McLuhan, 1994), a Ética Hacker (Himanen, 2001), a perspectiva ecológica e por toda a contra-cultura norte americana dos anos 60. Já nessa altura, a investigação a partir de livros como, *Imaginary Futures* (Barbrook, 2007) colocou estas ideias em crise. No entanto, pouco avancei por falta de identificação com as perspectivas, inclusive do próprio Barbrook. Hoje é mais fácil identificar como a minha branquitude (Lund, 2022) impediu de me colocar em jogo. Por outro lado, as questões de conhecimento fragmentado e fragmentário, a separações mente/corpo, animal/humano, natureza/cultura, por muito que me perturbassem, obrigaram-me a reconhecer que também sou construído e produzido por essas cisões.

Este ano retomei algumas leituras como, *The Three Ecologies* de Guattari, cuja abordagem ecosófica assume que a subjectividade humana, o ambiente e a sociedade estão interligados (Guattari, 2000, p. 18). Mas, até que ponto Guattari escapa à armadilha de uma mente separada do corpo? Julgo que é necessário aprofundar estas dimensões e mais do que assinalar a separação, perceber o que resulta dos afastamentos e aproximações nestas cisões.

Uma ecosofia com corpos procuraria uma interseccionalidade (Crenshaw, 1989) que resiste a uma produção de saber discriminatório e procura uma justiça social e ambiental. Portanto, o texto de Guattari é muito importante para mim, mas a prevalência de uma ideia de mente sobre o corpo, desde a equiparação de sistemas com mentes por via de Baetson (Guattari, 2000, p. 36), a uma nova relação do sujeito com o corpo através de uma ecosofia mental (Guattari, 2000), parece-me limitativa para pensar em transformações mais profundas.

Simultaneamente, com uma nova perspectiva voltei ao livro, *O Artífice*, de Richard Sennett em que problematiza de forma positivista e pragmática separações como mente/corpo e mão/olho na defesa de que "fazer é pensar" (Sennett, 2019). Rico no resgate histórico e na problemática, no entanto, eu estou longe de me identificar com o enquadramento filosófico. Por isso mesmo, julgo que posso fazer um trabalho de tradução, com a devida traição para os meus enquadramentos. Há um terceiro livro que marca uma alteração radical nas minhas perspectivas, *O cogumelo no fim do mundo*, de Anna Tsing.

Três livros que me trazem uma mistura de sensações, livros que tenho muitas objecções e dúvidas, autorias com que não me identifico particularmente, mas, que me ajudam a pensar nesta ideia de um DIT rumo a uma ecologia das imagens. Para este texto vou-me concentrar nestes dois últimos livros de forma a poder voltar ao enquadramento ecosófico inaugurado por Guattari.

2. Artífice

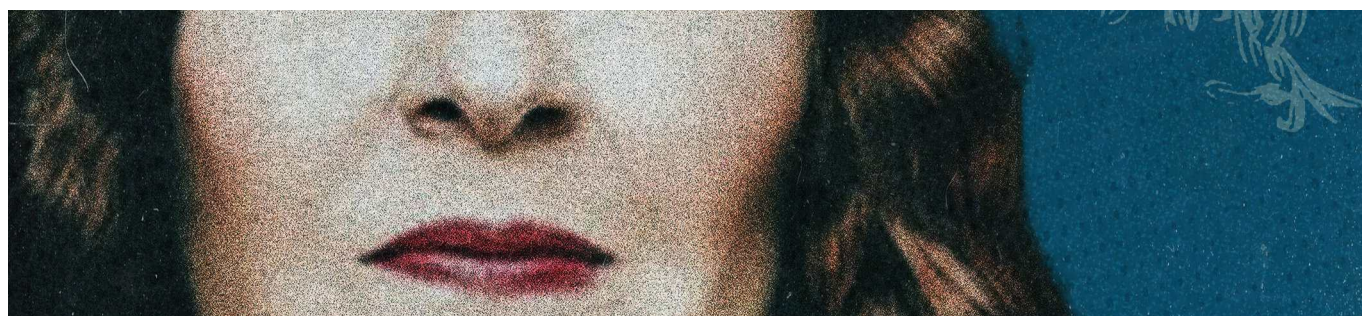
Sennett, vem de uma corrente diferente das que me identifico, ele é assumidamente um pragmatista. Sennett, defende que *fazer é pensar*, opondo-se ao *pensar depois de fazer* (Arendt, 1998), preconizado pela sua professora Hanna Arendt. Na sua proposta, Sennett, parte das categorias também usadas por Hanna Arendt, *Animal laborens* e *Homo faber*. Eu julgo que aqui estão dois grandes problemas, o *pensar depois de fazer* de Hanna Arendt tem uma outra dimensão e profundidade que Sennett não parece estar focado. Por outro lado, ambos parecem partir dessas categorias de *Laborens* e *Faber* como separações, o próprio Sennett coloca o problema da cohabitação dessas categorias. Nenhum dos dois me parece pensar a partir de dimensões interseccionáveis, de possibilidades de justaposição, ou mesmo de diluição dessas categorias.

Nestes enquadramentos, estão presentes biologismos, *darwinismos* e evolucionismos que me preocupam bastante. Sobretudo, porque aparecem como dominantes de construções sociais e não como tensões e ambiguidades, que permitam problematizar essas mesmas construções. Todavia, importa analisar para esta texto, algumas ideias que possam ser re-enquadradas para uma ecosofia na educação artística:

Sennett usa a figura do artífice enquanto paradigma histórico para argumentar não só que fazer é pensar, mas também, que fazer bem os objectos, desenvolver a habilidade traz benefícios relacionais e sociais. O livro faz parte de uma triologia que termina com, *Together* (Sennett, 2013), em que essas mesmas ideias vão reforçar o conceito de habilidade de cooperação dialógica.

Apesar de Sennett analisar e descrever questões históricas com grande profundidade, frequentemente, aborda problematizações mais filosóficas de forma algo ligeira. O seu positivismo, por vezes, parece reduzir-se a que se fizermos as coisas bem feitas de forma cooperativa teremos um mundo melhor. As relações de poder de cima para baixo e de baixo para cima, são genéricas e não têm em conta lugares de fala e posicionalidades. Tudo parece reduzir-se a um sistema cooperativo enraizado no domínio técnico e com uma visão técnica que, por sua vez, gerará empatia e estabelecerá a *cooperação dialógica*. Ou seja, o domínio técnico parece governar as relações e o próprio dispositivo social. Ora, aqui reside para mim um grande problema, enraizar a dimensão relacional no fazer e na técnica, produz essa mesma visão técnica, em que, até as relações se tornam instrumentais, ou mesmo, instrumentalizáveis. Contudo, talvez possamos olhar de forma crítica para aquilo que Sennett nos apresenta como factual, pragmático e positivista e, a partir de um questionamento do que é a técnica, reorientar alguns pressupostos para uma ecosofia na educação artística. Para isso, podemos convocar a leitura de Walter Benjamin, um pensador amigo de Hanna Arendt, que numa passagem que me assombra há vários anos, não só faz esse questionamento, como o faz a partir da própria educação:

Dominação da Natureza, assim ensinam os imperialistas, é o sentido de toda técnica. Quem, porém, confiaria em um mestre-escola que declarasse a dominação das crianças pelos adultos como o sentido da educação? Não é a educação, antes de tudo, a indispensável ordenação da relação entre as gerações e, portanto, se se quer falar de dominação, a dominação das relações entre as gerações, e não das crianças? E assim também a técnica não é dominação da Natureza: é dominação da relação entre Natureza e humanidade (Benjamin, 1987, p. 69).



Julgo que este deslocamento de um domínio técnico sobre a natureza, para o domínio da relação entre humanidade e Natureza, me parece fundamental para trabalhar a ideia de técnica e de educação. O trabalho de Sennett interessava-me inicialmente, não só pela ideia de que *fazer é pensar*, como por uma unidade entre mente e corpo, procurada, incessantemente, nessa figura do artífice. Essa unidade é construída por via de um domínio do corpo, de capacitação de treino e repetição. Aqui fez-me falta de facto, o tal deslocamento para o domínio não do corpo, mas da relação com o corpo. No texto, há todo um universalismo bem explícito na base iluminista que procura a transcendência dos defeitos, arrependimentos, irreflexões e, porque não, irresponsabilidades, por via do orgulho do trabalho e de si mesmo. No entanto, se deslocarmos o domínio para as relações, então os 'defeitos' podem ser diferenças e singularidades, a partir das quais se produzem novos mundos. O pé torto de Hefesto ganha uma nova perspectiva e a relação vai além dos corpos para a matéria de que as coisas são feitas, por humanos e não humanos.

3. O cogumelo no fim do mundo

Se Sennett parece estar interessado em melhorar o sistema, Anna Tsing parece querer escapar ao sistema, viver apesar do sistema, viver apesar do capitalismo. Com "viver" talvez esteja a substituir a palavra sobreviver que tanto me incomodou nas primeiras leituras de *O Cogumelo no Fim do Mundo* (Tsing, 2022). Problema da minha branquitude e porque a palavra "sobreviver" para mim, carrega muitas vezes uma biologização e despolitização.

O biologismo também parece assombrar o texto de Tsing. Tornou-se mesmo aterrador, quando surge a referência de Jakob von Uexküll. O meu corpo vacilou, a fraqueza tomou conta de mim e quase deixei cair o livro. Não que o contributo de Uexküll não seja importante na biosemiótica, através da qual também me sirvo para os meus pensamentos. Todavia, o que mobilizou esse conhecimento e o que foi mobilizado a partir dele não pode ser ignorado. Uexküll esteve demasiado envolvido com o Nacional Socialismo e as suas ideias foram estruturantes para o movimento. Ainda que mais tarde possa ter lamentado as consequências e se demarcado do nazismo, o problema para mim, não está tanto em causa na figura de Uexküll e as suas polémicas, mas, como o seu biologismo serviu tão bem a movimentos como o nazismo.

As comunidades que Tsing nos traz levanta-nos muitas questões e dúvidas, perturbam-nos. De facto, a perturbação coloca-nos lado a lado com o cogumelo. Se por um lado desembocamos na imagem final de "como se todos estivessem tirando proveito do fim do mundo para reunir riquezas antes que seus últimos pedaços sejam destruídos." (Tsing, 2022, p.392) Por outro lado, a perturbação germina! A crítica ao capitalismo avança para as suas margens e, nesse dentro-fora, vemos comunidades a trabalharem com base na confiança e no resgate de um fazer-juntas. Movimentos como os Matsutake Crusaders mergulham em possibilidades de relações sociais mais-que-humanas nas florestas *satoyama*, enquanto recuperam a socialidade perdida da vida comunitária e reconstróem o espírito humano (Tsing, 2022, pp. 371-376).

O facto é que, após a leitura e olhando para a minha posição privilegiada passei a enquadrar a ideia de sobrevivência de uma forma mais política, enquanto resistência e possibilidade de esgueirar do sistema. Anna Tsing, usa a condição de precariedade e indeterminação nesse sentido, como *possibilidade e centro da sistematicidade que procuramos* (Tsing, 2022, p. 64). Ao contrário da cooperação em Sennett, é possível ver a partir de conceitos como perturbação, contaminação, assembleia e sobrevivência colaborativa como possibilidades

de gerar mundo. Opondo-se aos universalismos, Anna Tsing parte do conhecimento situado de Donna Haraway (2022) e assume a precariedade como "condição planetária" que nos permite ver o mundo e os modos de "vida entrelaçados" (Tsing, 2022, p. 44). A auto-suficiência é um mito, seres vivos são co-dependentes. A auto-suficiência é ignorar os entrelaçamentos, é permitir a alienação de pessoas e coisas que, consequentemente, são transformadas em recursos pelo capitalismo.

Não descurando o contributo didático do Artífice e a profundidade das Três Ecologias, em contraponto de Sennett e Guattari, as ideias de Anna Tsing parecem-me muito mais potentes para transformar a educação e investigação artística rumo a uma ecosofia. Mais do que um sistema de mentes ou uma *cooperação dialógica*, o conceito de *assemblage*, traduzido na edição do Brasil por *assembleia*, é uma perspectiva completamente diferente e transformadora:

As assembleias não se limitam a reunir formas de vida; elas as criam. Pensar a partir de assembleias nos convoca a perguntar: como os encontros se tornam "acontecimentos", isto é, maiores do que a soma de suas partes? Se a história sem progresso é indeterminada e multidirecional, poderiam as assembleias nos mostrar suas possibilidades? (Tsing, 2022, p. 68)

Talvez possamos entender a partir daqui que, as separações não existem de forma absoluta — o que seria de facto uma mente separada do corpo? — há afastamentos e aproximações. Há alienações e abstrações que nos afastam do corpo, como há emoções e pensamentos que nos re-aproximam. O viés ocidental cartesiano na tentativa de substituir a alma pela mente, provocou-nos a ilusão de que a consciência do corpo acontece no deslocamento da mente para fora do corpo. Foucault, em *O Corpo Utópico*, apresenta-nos esta possibilidade do corpo que "está, de facto, sempre, em outro lugar ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo" (Foucault, 2013, p. 14). Perspectiva que me parece bastante mais interessante do que acreditar nessa exclusividade do pensamento na mente. Corpo projectado pela mente dirão os mentocêntricos. Torna-se necessário então perguntar qual mente sem corpo? O pior destes vieses é o efeito dos afastamentos dos corpos entre si e com a própria natureza. Há corpos afastados uns dos outros e até do próprio planeta numa nova classe geo-social (Schultz *et al.*, 2022). A assembleia pode ser de facto esse ponto de encontro e reaproximação dos corpos na consciência das suas co-dependências e na condição de precariedade. Livre-mo-nos do mito da autossuficiência e entendamos a *assemblage* como uma comunidade aberta de interespecies que não é tomada como garantida. Ter consciência do lugar de fala, das posições, dos corpos e das co-dependências e, a partir daí, os encontros poderão ser acontecimentos.

4 .Investigação e Educação Artística

Gostaria de permanecer com esta ideia da *assemblage* e do que ela pode trazer a um atelier, a uma oficina, a um *hack lab*, a um *maker space*, ou a uma sala de aula. O DIT vem de um léxico tecnológico, mas que tem contaminado a área de educação artística. É comum pensar-se a investigação e educação artística como uma ruptura disciplinar, onde as matérias e identidades são diversas com múltiplas abordagens. Contudo, tal como nas outras áreas disciplinares, a Educação Artística não escapa à presença de uma matriz ocidental, fortemente ancorada no iluminismo que se estende em colonialidades, biologismos e violências no presente. Desejos como 'mentes criativas' ilustram bem os problemas das separações que há pouco falava. O próprio DIT que procura um colectivo para o *do it yourself* (DIY) está baseado nos mitos de independência, auto-suficiência com enquadramentos biologistas. Os biologismos iluministas ao passarem da sua esfera científica para a dimensão sócio-política promoveram e perpetuaram teorias raciais que, embora absurdas, prevalecem hoje nas estruturas sociais e, de forma explícita, nos movimentos de extrema-direita.

Pensar hoje práticas artístico-educativas críticas e anti-discriminatórias, com consciência social ambiental envolve uma perspectiva interseccional e ecosófica. Envolve desmontar os desejos e mitos que constituem uma lógica positivista e universalista e que favorecem violências epistémicas, normatividades e exclusões. Se me concentrei no fazer abdicando de o *que fazer?* foi porque estou no campo das imagens e talvez, as imagens neste momento produzem mais do que as pessoas e máquinas que as 'fazem'. Porque um mundo mediado por imagens é mais reprodutor do que produtor. Através dessa reprodução se perpetuam as violências coloniais e se fixam as imagens e imaginários discriminatórios. As imagens fazem-nos mais do que nós as fazemos. Sobretudo, concentrei-me no fazer que procura, mais do que uma produção, fazedores e relações. Se há coisa que uma ecologia das imagens necessita é de corpos. É preciso constatar que os corpos ali estão nas suas singularidades. Tanto no fazer como no pensar, quando as identidades de estudantes se confundem com a própria matéria de trabalho, quando o fazer é *fazerem-se* e *relacionarem-se*, então, poderão desconfinar-se da sala de aula e do dispositivo escolar, e, marcar o encontro numa ecosofia com corpos para fazer-juntas.

Referências Bibliográficas

Arendt, H. (1998). *The human condition*. The University of Chicago Press.

Azoulay, A. (2012). *The civil contract of photography*. Zone Books.

Barbrook, R. (2007). *Imaginary futures: From thinking machines to the global village*. Pluto Press.

Benjamin, W. (1987). *Obras escolhidas: Rua de mão única* (Vol. II). Brasiliense.

Crenshaw, K. (1989). *Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*. University of Chicago Legal Forum, 1.

Foucault, M. (2013). *O corpo utópico, as heterotopias*. N-1 Edições.

Guattari, F. (2000). *The three ecologies*. The Athlone Press.

Haraway, D. (2022). Situated knowledges: The science question in feminism and the privilege of partial perspective (1988). *Anthropological Theory: For the Twenty-First Century—A Critical Approach*, 236–240. <https://doi.org/10.2307/3178066>

Himanen, P. (2001). *The hacker ethic and the spirit of the information age*. Random House Trade Paperbacks.

Lund, M. (2022). *Whiteness*. The MIT Press.

McLuhan, M. (1994). *Understanding media: The extensions of man*. MIT Press.

Schultz, N., Latour, B., & Rose, J. (2022). *On the emergence of an ecological class: A memo*. Polity Press.
<https://www.wiley.com/en-ae/On+the+Emergence+of+an+Ecological+Class%3A+A+Memo-p-9781509555079>

Sennett, R. (2019). *O artífice*. Record.

Sennett, R. (2013). *Together: The rituals, pleasures and politics of cooperation*. Yale University Press. <https://yalebooks.yale.edu/9780300188288/together>

Tsing, A. (2022). *O cogumelo no fim do mundo: Sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. N-1 Edições.

Tiago Assis, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/IS-UP, Portugal

E-mail: tassisfbaup@gmail.com





